

Céu do Planetário está sem estrelas

Ana Helena Paixão
Da equipe do **Correio**

Carlos Vieira

CORREIO BRAZILIENSE

15 JUN 1999

O Planetário de Brasília está fechado desde janeiro de 1998 — deixando de receber, semanalmente, em torno de 1.500 pessoas (na maioria estudantes de 1º e 2º graus). Quando assumiu, o atual secretário do Meio Ambiente, Antônio Barbosa, visitou o local. Foi lá, olhou, examinou, apontou defeitos. Não gostou nada do que viu.

Disse que o Planetário estava sujo, abandonado e que, para voltar a funcionar, deveria ser terceirizado porque o Governo do Distrito Federal não tinha verbas o suficiente para arcar com mais esta despesa. Garantiu ainda que seriam necessários, no mínimo, R\$ 500 mil para a reforma completa do lugar — o que inclui recuperação do prédio e maquinário.

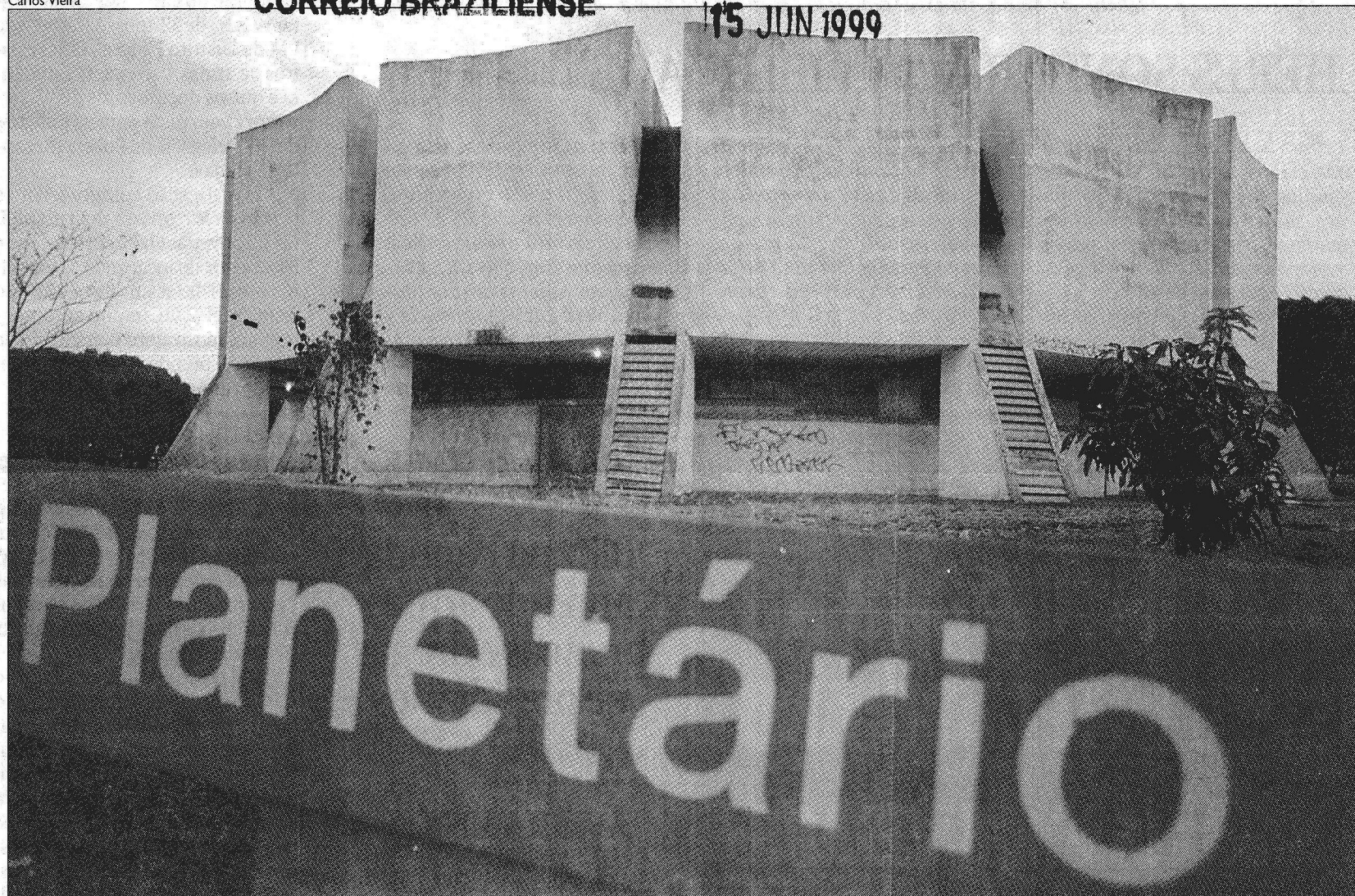
E lá se foram quatro meses. O Planetário continua fechado e sem perspectivas de reabertura. Depois de vistorias do Corpo de Bombeiros e Defesa Civil, e avaliações técnicas da Secretaria do Meio Ambiente Ciência e Tecnologia (Sematec), a reforma completa foi orçada em R\$ 1,2 milhão por uma empresa privada, que não teve seu nome revelado.

Para levar a reforma a termo, a Sematec pretende terceirizar o Planetário. “Estamos preparando o edital de licitação. Devemos lançá-lo em duas semanas”, comentou Antônio Barbosa.

NECESSIDADE REAL?

O professor Clarêncio Abad lança dúvidas sobre a pretendida terceirização do Planetário de Brasília. Ele foi diretor do Planetário desde a inauguração (em 1974) e até o ano de 1990, quando se aposentou. Também foi designado pelo Ministério da Educação, em 1987, consultor do órgão para assuntos de Planetários. “Sou consultor dos seis planetários existentes no país”, afirma.

Antônio Barbosa visitou o Planetário em março deste ano. O secretário de Meio Ambiente foi informado por Giselle Sprovieri, diretora do lugar durante o governo Cristovam Buarque, de que o maior problema do Planetário era um defeito na Spacemaster — máquina alemã que simula a disposição das estrelas no céu de Brasília, os movimentos estelares e mostra as principais conste-



Há um ano e cinco meses que o Planetário de Brasília está fechado. Antes disso, ele recebia mais de 1.500 visitantes por semana, a maioria estudantes

lações da Via-Lactea.

Segundo Sprovieri, o equipamento chegou ao Distrito Federal em 1974 e passou por reforma uma única vez, há dez anos. “Ele não pode funcionar por causa de um vazamento de óleo. Preferimos mantê-lo desligado para que o estrago não seja irreversível”, explicou a ex-diretora a Antônio Barbosa.

“Isso é uma besteira sem tamanho. A máquina precisa estar em movimento constante. Do contrário, aí sim, terá um dano irreversível”, afirma Clarêncio. Segundo ele, os problemas do Planetário de Brasília ainda não foram resolvidos por falta de interesse político. “Existe um acervo de peças de reposição no próprio Planetário, estranhamente encoberto, o qual, somado à mão-de-obra altamente especializada vinda de Porto Alegre, também omitida, tornaria o problema do vaza-

mento apontado de fácil e rápida solução, a custos módicos”, denuncia Clarêncio, em documento encaminhado ao **Correio**, à Sematec, à Secretaria de Governo e, por fim, ao Ministério Público do Distrito Federal e Territórios.

PROVAS

Clarêncio Abad sustenta suas denúncias em extensa documentação. A fatura nº 604-334/8-0689, da firma alemã Feinmechanile-Optile (fabricante do Spacemaster), e o expediente da SG/MEC nº 20961, de 8 de novembro de 1989, dão notícia da entrega de um estoque de peças de reposição aos seis planetários do país.

Só ao Distrito Federal, foram entregues nada menos do que 149 peças de reposição e manutenção, no valor total de U\$ 83.529. O professor Clarêncio recebeu as peças em novembro de 1990, antes de se apo-

sentar. Ele afirma que todo o material estava no Planetário de Brasília. “Estas peças garantem ao Planetário uma sobrevivência técnica por 20 anos, a contar de 1990”, destaca.

O material chegou ao DF por intervenção do MEC, que na época tinha responsabilidade sobre os planetários do país. “Tudo o que o órgão pediu em troca foi o compromisso do atendimento preferencial dos estudantes de escolas de 1º e 2º graus. Compromisso este descumprido, quando transferiram o Planetário da responsabilidade da Secretaria da Cultura para a Sematec”, completa o denunciante.

Clarêncio Abad afirma que, se o GDF levar em consideração as peças existentes, a reforma do Planetário custará apenas R\$ 3 mil e não R\$ 120 milhões como calcula a Sematec. “Bastaria chamar técnicos do Planetário de Porto Alegre, que podem

consertar rapidamente o Spacemaster e a custos módicos”, ressalta.

O secretário Antônio Barbosa afirma não ter conhecimento sobre o estoque de peças para manutenção do espaço. “Elas não estão no Planetário de Brasília”, garante. Ele também desconhece a existência de mão-de-obra especializada em Porto Alegre, capaz de consertar o Spacemaster.

Depois de enviar documentos à Sematec e não obter respostas, Clarêncio Abad resolveu encaminhar o caso para investigação no Ministério Público. Ainda no mês de maio, o órgão acolheu as denúncias do professor. “Essas peças não podem ter desaparecido. Quero que a verdade histórica do Planetário seja revelada, que o espaço seja reaberto aos estudantes e a comunidade de Brasília. Posso provar tudo o que digo”, encerra.